

# DISCURSO DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES NA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AOS COMBATENTES EM MONFORTE PELO MINISTRO DA DEFESA NACIONAL – 10.09.2016

GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional

É uma honra e uma satisfação participar na inauguração de um monumento e homenagem aos combatentes em cerimónia presidida por V. Exa.

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Monforte, agradeço a V. Exa o convite para assistir a esta iniciativa da Câmara de Monforte.

Monforte, Portugal profundo. Terra de visigodos, muçulmanos e cristãos. Foral de D. Manuel I.

Conhecedora por isso da evolução da nossa Historia. Terra equidistante de Estremoz e Portalegre.

Decidiu juntar-se a esta homenagem nacional e a este património nacional em que se tornou o Conjunto de já 300 monumentos espalhados pelo país e pelo estrangeiro evocando os Combatentes da guerra do ultramar.

Mas porque este sentimento nacional do Portugal profundo?

E que tocou a todos. Cerca de um milhão de cidadãos participaram. Todos tiveram pai, mãe, avós maternos e paternos, alguns casados e com Filhos. Logo seis a sete milhões de portugueses sofreram a separação e a dúvida de ver ou não voltar a ver o regresso de um ente querido da guerra.

Guerra. Para nós combatentes que tivemos que nela participar é esse o nome que lhe damos. Sim, essa violência organizada que nasce com as primeiras lutas por um poder ou território fornecendo ao grupo mais poderoso a legitimidade e os meios para dominar o outro, procurando sempre que a batalha seja decisiva.

Por isso para os militares ao serviço das forças armadas não há adjectivação da guerra. Não há guerras justas ou injustas. Coloniais ou ultramarinas. Subversivas ou revolucionárias, religiosas ou ideológicas. Só no patamar político a guerra toma essas e outras adjectivações. No patamar militar a guerra *C' est la guerre...*

E quando na guerra se consegue a batalha decisiva, nos conflitos em larga escala, ela muda o mundo. E são esses grandes marcos que os historiadores assinalam.

Foi assim no séc. três AC na batalha de Salamina em que na Pérsia, Alexandre derrotou Dário. No séc. oitavo depois de Cristo em que os muçulmanos depois de terem conquistado o Egipto, o norte de África e a Península Ibérica se lançaram sobre a Aquitânia sendo derrotados em Poitiers por Carlos Mardel. Ou em Hatin, no séc. onze, em que Saladino tomou Jerusalém e abanou a cristandade. Ou em Austerlitz, ou em Stalinegrado ou em Midway.

Mas todas estas referências para dizer que, se ao nível mundial há batalhas decisivas que mudam a história, o mesmo acontece ao nível dos países.

Se a história de Portugal mudou com a batalha de Aljubarrota e Com o I de Dezembro de 1640 garantindo-nos a independência, a guerra em África 1961/1974 juntamente com o 25 de Abril não deixa de ser uma verdadeira batalha decisiva da história de Portugal que mudou para sempre Portugal.

Mas permitam-me que sublinhe algumas características dessa guerra no contexto dos conflitos em que Portugal tomou parte nos séc. XIX e XX.

- Foi uma guerra em quatro frentes, três delas em simultâneo. Angola, Índia, Moçambique e Guiné, a dezenas de milhares de quilómetros da área de retaguarda.
- Foi uma guerra conduzida por portugueses, com doutrina portuguesa e sem o exército português integrado em qualquer outro exército estrangeiro, como aconteceu na guerra peninsular, na IGG ou mesmo nas actuais operações de Paz.
- Foi uma guerra de longa duração, não perdida, que o poder político não aproveitou.
- Foi uma guerra defensiva, já que nos vimos atacados na Índia, em Angola, Moçambique e Guiné e o poder político decidiu empregar o meio militar para fazer face a essas agressões.

É portanto para nós combatentes importante que se reconheça o sacrifício de muitos, mortos e vivos, deficientes ou saudáveis numa guerra que a partir de certa altura deixou de ter horizonte, já que paralelamente ao esforço militar se impunha um esforço diplomático realista que aos poucos se tornou utópico.

Estamos por isso aqui de cabeça erguida e orgulhosos do dever cumprido, já que, tal como hoje nas operações de paz e humanitárias, procuramos garantir a paz às populações daqueles territórios e garantimos o tempo necessário à negociação política.

Termino agradecendo mais uma vez ao senhor Presidente da Câmara de Monforte a iniciativa que teve, e dizer-lhe que os combatentes e famílias da sua área têm a Liga dos Combatentes disponível para os apoiar através dos núcleos da liga mais próximos. Desenvolvemos programas estratégicos e estruturantes, nomeadamente no âmbito da solidariedade. Em Estremoz temos uma residência para idosos e apoio domiciliário. Em Évora temos um Centro de Apoio Médico Psicológico e Social a que podem recorrer. Apoiamos trasladações a pedido das famílias de combatentes inumados fora do território nacional, enfim promovemos os valores superiores do país, promovemos a solidariedade e lutamos pela paz e segurança no respeito da carta dos direitos humanos e da carta das Nações unidas e outros instrumentos internacionais.

Que este monumento seja um monumento vivo e esclarecedor do esforço, determinação e portuguesismo daqueles que caíram ou estão ainda vivos, e tal como hoje fazemos nós cem monumentos da Grande Guerra ao evocarmos o centenário desse holocausto, que a população de Monforte no futuro respeite e homenageie os que se bateram além-mar.